



## BRASIL: UMA INDEPENDÊNCIA INCONCLUSA

Magda Luiza Mascarello<sup>1</sup>  
José Antônio Guides Mequelin<sup>2</sup>  
Lucas Garzuze Cordeiro<sup>3</sup>

**Eixo História e cultura:** Culturas africanas e/ou indígenas e formação cultural brasileira.

**Palavras-chave:** educação; racismo estrutural; independência; cultura.

### INTRODUÇÃO

O ano 2022 foi marcado por comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil. Nos marcos da celebração pátria, o país recebeu o coração de Dom Pedro I como símbolo e orgulho nacional. O coração do colonizador é uma metáfora intrigante que sintetiza um desafio à real independência: a necessária superação das heranças do colonialismo escravocrata que perduram na sociedade brasileira e abalam o exercício da cidadania. Nesse sentido, a educação étnico racial é de fundamental importância para a compreensão do Brasil contemporâneo. Este texto tem por objetivo propor um diálogo entre autores do Pensamento Social Brasileiro estudados na disciplina de Sociologia no curso Médio Técnico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná (IFPR) *Campus* Pinhais. Como metodologia, se propõe uma articulação teórica de autores clássicos que se ocuparam de investigar diacronicamente os desdobramentos do Brasil colonial.

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ponto de partida para a reflexão é o conto *Pai contra a mãe*, de Machado de Assis (1906 [2007]). A partir da saga do caçador de escravos Cândido Neves - que, aficionado pelo desafio de cuidar de seu filho, contraditoriamente, faz uma escrava grávida abortar o bebê ao forçá-la voltar para seu senhor, justificando sua ação com a emblemática frase: “Nem todas as crianças vingam” – o autor traça paralelos entre o contexto escravocrata e a realidade contemporânea da população negra no Brasil, sobretudo quanto à naturalização de relações violentas, tanto pela repressão estatal e policial, quanto pelo machismo e feminicídio que atinge mulheres negras e pelo racismo estrutural.

Freyre, em sua obra *Casa Grande e Senzala* (1933 [2003]), contribui com o debate sobre o lugar da população negra no período posterior à abolição da escravatura. Para o autor, a sociedade brasileira mantém as relações da “Casa-Grande” estruturadas, de um lado, a partir de famílias patriarcais donas de terras e, de

<sup>1</sup> Doutora; IFPR *Campus* Pinhais; magda.mascarello@ifpr.edu.br

<sup>2</sup> Estudante Ensino Médio Técnico Informática; IFPR *Campus* Pinhais; guidesjose39@gmail.com

<sup>3</sup> Estudante Ensino Médio Técnico Informática; IFPR *Campus* Pinhais; lucasgarzuze@gmail.com



outro, por trabalhadores negros diretamente vinculados a esse sistema de relações de poder. Apesar de sua relevante contribuição, sobretudo na superação de teorias eugenistas que então circulavam, Freyre cria, por meio da noção de mestiçagem, certa ilusão de que no Brasil republicano as desigualdades e os conflitos entre negros e senhores brancos vinham sendo paulatinamente superados pelo processo de miscigenação racial.

Em contraposição à tese de Freyre, Fernandes, em suas obras *A integração do negro na sociedade de classes* (1964 [1978]) e *O negro no mundo dos brancos* (1972), analisa a estrutura social brasileira e desconstrói a ideia de democracia racial, relegando-a ao status de mito. Para o autor, a igualdade entre brancos e negros no Brasil nunca existiu e as relações de mestiçagem aconteceram a partir de interações profundamente violentas. Na tese de Fernandes, a escravidão não é apenas uma questão econômica, mas uma estrutura cultural duradoura formada por uma cultura de base escravocrata que se estende no tempo por meio de mentalidades e relações de difícil superação e mudança. São essas estruturas culturais as responsáveis pela naturalização das desigualdades e violências que perpassam as instituições e reproduzem o racismo estrutural no Brasil. Ao questionar a ideia de democracia racial, Fernandes propõe a tese de que no país há uma estreita imbricação entre as desigualdades econômicas e as hierarquias e violências de raça que foram histórica e estruturalmente constituídas.

Conforme propôs Buarque de Holanda em seu clássico *Raízes do Brasil* (1936 [1969]), o país é perpassado por símbolos que rememoram e atualizam a “cultura da cana-de-açúcar”, ou seja, relações ancoradas na grande propriedade agrária e na exploração da mão de obra negra, resultado de uma abolição tardia da escravatura e de uma não efetiva reparação do dano aos ex-escravizados. Trata-se da construção de certa cordialidade republicana que mascara as relações de violência, desigualdades e conflitos sociais e raciais.

## RESULTADOS

No escopo deste debate, pode-se concluir que o Brasil é um país estruturalmente racista. Resquícios de relações escravocratas e racialmente desiguais permaneceram desde a época colonial, constituindo mentalidades e culturas e sustentando disparidades econômicas e sociais profundas e violentas. A democracia racial no Brasil ainda está longe. A população negra, embora reconhecida como sujeito de direitos na Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1998), nunca foi efetivamente inserida no campo de direitos e oportunidades na sociedade brasileira. Há uma parcela significativa desta população que ainda aguarda a sonhada Independência.

Para reconhecer a complexidade dessas relações sociais a educação étnico racial se faz necessária e urgente, sobretudo em tempos nos quais circulam impune e heroicamente “corações de colonizadores”. Reconhecer as permanências do colonialismo escravocrata é fundamental para identificar as bases da sociedade atual e arriscar-se na proposição de mudanças realmente estruturais. Afinal, como afirmou Djamilia



Ribeiro (2019), “não basta não ser racista. Sejamos antirracistas”.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, M. de **Pai contra mãe**. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2007.

BRASIL. **Constituição Federal (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1978.

FERNANDES, F. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

FREYRE, G. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal**. 47. ed. São Paulo: Global, 2003.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.